

NÚMEROS BONS

Roberto Rodrigues*

As estatísticas do comércio internacional de 2017 são muito positivas para o agronegócio brasileiro: exportamos 96 bilhões de dólares e importamos 14,2 bilhões, fazendo um superávit espetacular de quase 82 bilhões de dólares. Isso é maior que o saldo de 2016, que foi de 71,3 bi, o de 2015, de 75,1 bi, e o de 2014, de 80 bi. Só perde por pouco para o excepcional saldo de 2013, que foi de 82,9 bilhões de dólares. E a soja foi a grande vedete, representando 33,03% do valor exportado. Depois vieram as carnes, com 16,12% e o complexo sucroenergético, com 12,74%, quase empatado com produtos florestais, com outros 12%. Café ficou com 5,49%. Estes 5 grupos de produtos equivaleram a 79,4% do valor exportado, dado um pouco preocupante: dependemos de poucos bens exportáveis.

A China foi outra vez o grande mercado, destino de 27,7% do valor das exportações, seguida da União Europeia, com 17,65% e Estados Unidos, com 7% em números redondos. Importante notar que 42,4 % do valor exportado foi para mais de 150 outros países, especialmente do mundo em desenvolvimento.

O estado que mais exportou foi São Paulo, com 19,6% do valor, seguido de Mato Grosso (15,16%), Paraná (14,20%), Rio Grande do Sul (12,6%) e Minas Gerais, com 8,29%. Estes 5 estados responderam por mais da metade do valor exportado pelo agronegócio brasileiro.

O saldo comercial do Brasil todo foi de 67 bilhões de dólares, menor do que o saldo do agro, de modo que este setor continua sustentando os bons resultados da nossa balança comercial. O déficit dos demais setores foi de 14,8 bilhões de dólares.

Tudo muito bom, muito estimulante e que enche de orgulho o campo todo. Mas dois fatos colocam algumas nuvens plúmbeas sobre o brilhante resultado.

O primeiro deles, já referido, é exatamente a pequena variedade da pauta das exportações. Não podemos depender eternamente de soja, carnes, açúcar, produtos florestais, café, suco de laranja.... Há uma grande possibilidade de crescimento de outros segmentos em que já somos bons, mas sem expressão internacional. É o caso das frutas tropicais e as de clima temperado, das flores, dos produtos orgânicos, de pescados, de raízes e tubérculos, hortifrúti (inclusive cebola e alho) entre tantos mais. Outros grãos, como milho, arroz, sorgo, amendoim podem crescer muito, e nem vamos pensar em trigo por enquanto. Que dizer de leite e derivados? É preciso criar programas especiais para estes itens, começando com a atenção da Embrapa e outras instituições de pesquisa e desenvolvimento na geração de tecnologias que aumentem a nossa competitividade.

Um segundo fato preocupante é a grande dependência da China, compradora de mais de um quarto de tudo que exportamos. Também temos que crescer em outros países, sobretudo os emergentes, sem perder de vista os mercados desenvolvidos. Isso passa por acordos bilaterais ou multilaterais, visto que a "famosa" Rodada de Doha da OMC não avançou nada nestes 17 anos de existência quase inútil. E, dados os (não) resultados da reunião de dezembro passado em Buenos Aires, diminuí a esperança de sucesso da Rodada. Aliás, entra nesse mesmo quadro o tema da escalada tarifária, igualmente encalhada em Doha: claro que podemos continuar exportando commodities até o final dos séculos, mas é igualmente relevante agregar valor a elas, de modo a melhorar a renda dos produtores e exportadores brasileiros, bem como o próprio saldo comercial, tornando nossa indústria de alimentos mais moderna e lucrativa. Todo mundo ganharia com esses avanços.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**